

Andreia Gonçalves Rocha¹

Salmen Chaquip Bukzem²

Resumo: Este ensaio, a partir do trabalho de Conceição Evaristo de mesmo nome, apresenta uma visão sobre a situação da população negra no Brasil, centrado particularmente na vida de Ponciá Vicêncio, protagonista da obra, e na violação dos seus direitos humanos bem como a consequente desigualdade social experimentada por este grupo que na sua maioria possui um passado escravagista, sofre com a discriminação racial, evidenciado sobremaneira nas mulheres, perpassando pela memória da autora e a sua criação. Ponciá Vicêncio apresenta por meio de recordações o processo de escravização dos seus antepassados e que faz com que os tempos passado e presente se fundam na sua ânsia responder a si mesma: “Quem sou eu?” “O que me faz ser eu...”. Este ensaio pretende ainda apresentar como os laços e a herança familiar influenciam na formação das identidades dos sujeitos, na formação do capital cultural e na constituição das nossas subjetividades. Para dialogar sobre esses temas convocaremos, Bourdieu (2003), Nogueira (2017) e Hall (2020).

Palavras-chave: Herança familiar. Subjetividade. Capital Cultural. Identidade. Mulher negra. Afrodescendente. Preconceito.

Abstract: This essay, based on Conceição Evaristo's work of the same name, presents a vision of the situation of the black population in Brazil, centered particularly on the life of Ponciá Vicêncio, protagonist of the work, and on the violation of her human rights as well as the consequent social inequality experienced by this group, which mostly has a slave-owning past, suffers from racial discrimination, especially evident in women, permeating through the author's memory and her creation. Ponciá Vicêncio presents, through memories, the process of enslavement of her ancestors and which makes the past and present times merge in her eagerness to answer herself: “Who am I?” “What makes me me...”. This essay also intends to present how ties and family heritage influence the formation of the subjects' identities, the formation of cultural capital and the constitution of our subjectivities. To dialogue on these themes, we will summon Bourdieu (2003), Nogueira (2017) and Hall (2020).

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Juiz de Fora- MG. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas-FACMAIS. Professora da rede pública estadual de Goiás desde 2016.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Inhumas – FACMAIS. Graduado em Desenvolvimento de Sistemas de Informação, Especialista em Gestão de Segurança da Informação e Comunicações e em Docência do Ensino Superior. Militar da Força Aérea com atuação na Prevenção e Investigação de Acidentes Aeronáuticos. Coordenador do Curso de Ciências Aeronáuticas da PUC Goiás.



PONCIÁ VICÊNCIO

Keywords: Family heritage. Subjectivity. Cultural Capital. Identity. Black woman. Afrodescendant. Prejudice.

INTRODUÇÃO

No Brasil, após a independência em 1822, havia um grande contingente de negros recém libertos pela Lei Áurea que estavam ganhando espaço nas zonas urbanas, mas, infelizmente, ao mesmo tempo, a imagem deste contingente era associada a atraso e degradação social pelas classes dominantes. Neste cenário preconceituoso e excludente, restaram ao negro, as posições mais subalternas da sociedade. São os resíduos do passado que ainda permanecem segundo Raymond Williams (1979).

O trabalho de Evaristo está perfeitamente inserido nesta realidade racial triste verificada no Brasil. Importante ressaltar que a autora pertence a um grupo de escritores afrodescendentes que ganharam espaço pela resiliência, pela competência e que buscam externar a história dura e sofrida daqueles que sempre permaneceram a margem de todo este processo de desenvolvimento da sociedade brasileira.

Conceição Evaristo nasceu em 29 de novembro de 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Em 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro. Fez graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado em Literatura Brasileira, na PUC Rio, e doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Seu primeiro e mais famoso romance, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado, pela primeira vez, em 2003 e nos envolve pela grandiosidade e força da sua história. A história de Evaristo se confunde com a de Ponciá, mulher negra e pobre que herdou o preconceito e a discriminação social/racial concomitantemente velados, covardes e agressivos. Se buscarmos no dicionário o significado da palavra herança teremos uma meia dúzia de significados, mas para o propósito deste ensaio nos ateremos ao que se refere a legado, aquilo que foi transmitido, ensinado e aprendido pelos pais e ancestrais. Durante toda narrativa e trajetória de Ponciá há uma fala que se repete sobre uma herança que “Vô Vicêncio deixava para menina.” Evaristo (2017, p.15).

Uma herança não relacionada a questões econômicas e financeiras. Algo que Ponciá tentava dentro si encontrar um sentido um significado, que em outros tempos, quando ainda sonhava, desejou mudar.



PONCIÁ VICÊNCIO

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas gritava seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos. Evaristo (2017, p.18).

Poderíamos a partir desse relato nos perguntar enquanto leitores, se Ponciá estaria vivendo momentos de crise de identidade. Entretanto, isso seria justo com nossa protagonista? Como o eu Ponciá Vicêncio foi se constituindo e se construindo? As subjetividades de Ponciá Vicêncio foram sendo constituídas em qual contexto social e familiar? Por que Ponciá Vicêncio deixou apenas o seu corpo físico no presente e preferiu ausentar-se de si e refugiar-se no passado?

Ao selecionarmos Hall (2006) e Bourdieu (2003), para este ensaio intencionamos caminhar sobre duas linhas de pensamento para entendemos os impactos da herança familiar e como vamos nos formando a partir das nossas relações com os outros.

O que me faz ser eu?

O quebra-cabeças de uma história dando forma a identidade.

Hall (2017) apresenta três pontos de vista sobre identidades: a do sujeito do Iluminismo, consciente, firmado no seu eu; o sujeito sociológico, que coexiste com os seus pares num mundo social e cultural, assimilando e transmitindo, valores, crenças, símbolos, se identificando e sendo identificado num movimento social e cultural frenético e o sujeito pós-moderno, resultado desse movimento podendo gerar identidades temporárias.

Ponciá vivia com sua família na terra dos pretos, como qualquer criança experimentou os sonhos e acreditou nas lendas.

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino ... Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava dela própria. Gostava de tudo. Gostava....Divertia-se.... Tudo era tão bom.



PONCIÁ VICÊNCIO

Uma criança normal com suas fantasias, medos e esperança. O seu pai sabia ler todas as letras do alfabeto, sabia de cor e salteado, mas não conseguia formar sílabas e muito menos as palavras.

Filho de ex-escravo, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (Evaristo, 2017, p. 14)

Observamos neste ponto a realidade do analfabeto e do excluído que jamais teria a possibilidade de ultrapassar este limite e por consequência oferecer a sua filha algo muito diferente. Após partir para a cidade sua primeira noite foi sozinha na porta de uma igreja onde não teve coragem de pedir a caridade de um alimento ou de um gole de água. Também nada lhe foi oferecido. Dormiu ali mesmo com mendigos, crianças, mulheres e homens que foram chegando.

Depois de algum tempo, passa a viver com seu homem. Relacionamento triste, sete filhos mortos. Teria ela tido a assistência adequada nestas gestações? Teria sido a única a viver esta tristeza?

Consegue um emprego e sonha em guardar algum dinheiro para buscar a mãe e o irmão, comprar um barraco, um quartinho na periferia. Quando consegue, e retorna a Vila Vicêncio para a apanhá-los, em sua caminhada, passa pelas terras que ganharam. Ledo engano.

Chega a sua casinha de pau a pique que continuava de pé. Com o coração aos pulos reconciliou-se com o lugar. Não muito longe o choro de fome ou de frio de uma criança invade seus ouvidos. Lembra dos sete filhos que tivera. As casas das terras dos negros eram de chão batido, as camas eram jiraus, o colchão de capim, vasilhames de barro ou ferro. Não encontra os seus e volta a cidade. A viagem de volta pareceu mais longa e dolorosa.

Na maior parte do tempo sua família era sua mãe e ela, porque seu pai e irmão trabalhava na terra dos brancos. Seu avô Vicêncio, escravo alforriado, morreu quando ela ainda era de colo, entretanto ele foi sua maior e primeira referência de homem, sua identificação. Ele carregava no corpo, na alma e no nome todos os horrores da escravidão. Vicêncio era o nome do coronel dono da terra e de seu avô, logo o nome “Vô Vicêncio”



PONCIÁ VICÊNCIO

não o representava, era apenas uma marca de registro de propriedade, poderíamos até infringir as regras da Língua Portuguesa e grafá-lo com letra minúscula, “Vô Vicêncio”, por entender não ser um nome de sua propriedade, próprio, mas de outro.

O mundo social e cultural de Ponciá era este, ela vivia das lembranças, “as vezes era um recordar feito de tão dolorosas, de tão amargas lembranças, que lágrimas corriam sobre seu rosto, outras vezes eram tão doces...” Evaristo (2017, 79), talvez na tentativa de organizar o quebra-cabeças da sua própria história tendo como ponto de partida as identidades dos seus antepassados, mas qual era a identidade deles? “...toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” - mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado.” Ponciá tinha nas mãos um quebra-cabeças que faltavam muitas peças, muitas partes vazias, um vazio que enchia a sua pessoa. (Hall, 2000, p.110).

De que realmente são feitos nossos sonhos?

“Era para varrer, limpar, cuidar do asseio da delegacia, e como ele não sabia ler nem assinar, não poderia ser soldado. Mas, se ele estudasse muito, poderia ser soldado um dia. Poderia ser mais, muito mais”. Essa foi a proposta que o soldado Nestor fez a Luandi José Vicêncio, irmão de Ponciá, ao chegar na cidade à procura da irmã. Ele aceitou prontamente, mas o seu sonho mesmo era ser soldado. “Queria mandar. Prender. Bater. Queria ter voz alta e forte como os brancos”. Um sonho que acabara de nascer no seu coração ao ver um negro fardado mandando como os brancos. (Evaristo,2017, p. 61-62).

Nogueira (2017, p.51-52), fazendo alusão a teoria de Bourdieu diz que “cada indivíduo é caracterizado, em termos de uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui por um lado, certos componentes objetivos externos ao indivíduo, e que podem ser postos a serviço do sucesso escolar.” Mais adiante, ela continua, “o patrimônio transmitido pela família inclui certos componentes que passam a fazer parte da própria subjetividade do indivíduo, sobretudo o capital cultural em seu estado incorporado”. O estado incorporado³ para Bourdieu (2017, p.74), é uma das três formas de constituição do capital cultural, que segundo ele é um ter que se tornou ser, uma propriedade que fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um habitus.”

³ Os outros dois estados são o estado objetivado relacionado a bens culturais como pinturas, quadros, escritos etc; e o estado institucionalizado relacionado a certificação escolar.



PONCIÁ VICÊNCIO

Podemos pensar aqui em dois pontos, o primeiro que o ser soldado para Luandi estava muito fora de seu mundo social e cultural. Ele era um homem que vivia da terra, aprendera apenas o abecedário, na verdade ele mais que poder queria ter voz, foi o que o soldado Nestor disse, que se ele se estudasse muito ele conseguiria ser soldado. Ele realmente consegue esse feito, mas Evaristo não entra em detalhes sobre essa conquista. Talvez ela tenha permitido Luandi realizar o seu recente sonho para que realmente percebesse que o que realmente tinha significado era estar em família, com sua irmã e mãe. Sabemos que muitos sonhos são deixados de lado por muitos jovens não pela falta de esforço, coragem ou estudo. Questões sociais, raciais, econômicas, geográficas também são fatores que interferem nas nossas escolhas, nos nossos sonhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Abolição libertou e ao mesmo tempo sentenciou aproximadamente 700 mil negros, que continuaram sofrendo a violência, a crueldade, o preconceito; a discriminação e o racismo; por uma elite agrária, que naturalizou este comportamento, como se nada de desumano houvesse nele.

Assim, muitos escravos acabaram abandonando as fazendas nas quais foram escravizados e mudaram-se para outras ou então foram para cidades. Essas migrações de ex-escravos aconteceram por múltiplos fatores. Os libertos mudavam-se para distanciarem-se dos locais em que foram escravizados, ou então iam para outros lugares procurar parentes e estabelecer-se juntos desses ou até mesmo procurar melhores salários. (Filho, 2018)

Logo após a abolição da escravatura, uma das questões mais importantes, e que foi definidora para garantir a manutenção do liberto como um indivíduo marginal e subalterno na pirâmide social, foi a questão da terra. Não foi realizada reforma agrária e, assim, a grande maioria dos libertos, a partir de 1888, não teve acesso à terra, sendo esses forçados a sujeitarem-se aos salários baixos oferecidos pelos grandes proprietários"

Ponciá Vicêncio, representa o pensamento do escritor, perante o público e sociedade, numa tentativa de mostrar a esta sociedade a história contada de outro ângulo, e busca transmitir seus sentimentos e ideias sobre a realidade dos



PONCIÁ VICÊNCIO

afrodescendentes, tantas vezes dita e tantas vezes ignorada, levando seu leitor à reflexão e até mesmo à mudança de posição perante esta realidade dura, assim a literatura, a educação auxilia no processo de transformação social.

O pensamento de Conceição Evaristo ganha fôlego ao introduzir a mulher negra neste contexto e tenta recuperar sua identidade através da cobrança de uma revisão histórica e denúncia da situação desigual e covarde vivenciado por este segmento

“Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar com o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver as terras dos negros cobertas de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (Evaristo, 2017, p.30).

Mas, Ponciá não consegue, e Evaristo, infelizmente nos apresenta a dura conclusão de Ponciá de que na cidade, uma realidade ainda mais pobre, infeliz e violenta e Ponciá não consegue se libertar do passado, representado pelo avô que trazia em si a angústia de ser escravo, o que o levou à loucura.

Por fim, a autora nos apresenta a amargura de Ponciá que afirma que era bom mesmo que todos os seus filhos tivessem morrido ainda bebês, para não terem a mesma sorte das crianças que conhece em seu entorno, e que viviam na miséria, pois:

“A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida” (Evaristo, 2017, p.72).

Para possíveis comentários e desdobramentos futuros; apresentamos o Art. 149 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 que tem a seguinte redação:

Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto: (Redação dada pela Lei nº 10.803, de 11.12.2003)
Pena - reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência. (Redação dada pela Lei nº 10.803, de 11.12.2003)



PONCIÁ VICÊNCIO

Atualmente na escravidão moderna nem sempre observamos o tráfico ou a comercialização, como acontecia na época colonial, mas a privação da liberdade continua sendo a principal característica da prática.

Para pôr um fim neste estado de coisas a sociedade, através do estado precisa garantir condições de vida e de trabalho, saúde, segurança, habitação, moradia e educação para que essas pessoas possam sair dessa condição de pobreza e vulnerabilidade e se tornarem cidadãos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Os três estados do capital cultural**. In: BOURDIEU, P. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2003. (p. 71-79)

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. Redação dada pela Lei nº 10.803, de 11.12.2003

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Pallas, 2017.

"FILHO, Walter Fraga. Pós-abolição: o dia seguinte. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (Org.). Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 352."

Veja mais em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm>

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, 2020. P. 5-16 e p. 17-34

_____. **“Quem precisa de identidade?”** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. P 103-133

NOGUEIRA, M.A., NOGUEIRA, C.M.M. Capítulo III. **A herança familiar desigual e suas implicações escolares**. Bourdieu & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (p. 51 - 70)

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.